

lhista, com o fim único de preparar e transformar as respectivas Direções em perfeitos advogados dos interesses da classe e preparar também entre os seus associados vogais competentes para as Juntas de Julgamento e para o Tribunal da Justiça do Trabalho, de que trata o Artigo 122 do Capítulo IV da nossa Constituição. (Parágrafo único).

III — Fica instalado, com sede na Capital Federal um Comité Pró-execução das leis sociais e que terá por fim: — (a) — Agir junto a tôda a bancada trabalhista e junto à Comissão de Legislação Social, na Câmara Legislativa do País no sentido da imediata organização da Justiça do Trabalho, de que trata a nossa Carta Magna. (b) — Dar amplo e imediato conhecimento a todos os Sindicatos Metalúrgicos do Brasil de todos os decretos, portarias, regulamentos e avisos que forem surgindo e que porventura interessarem à classe.

IV — Sempre que um Sindicato de Classe, ou individualmente um Sindicalizado Metalúrgico, sofrer sonegação dos direitos que a lei lhe confere, depois de percorridos todos os trâsmites legais, todos os Sindicatos de Metalúrgicos, logo que tenham conhecimento por intermédio da Federação, hipotecarão a sua solidariedade por meio de telegrama ou carta de protesto junto aos poderes competentes, o que será, sem dúvida, um confôrto moral para o Sindicato ou Sindicalizado vítima da sonegação, uma demonstração da unificação caracterizando a nossa classe e despertará, por certo, no meio dos Metalúrgicos do Brasil o espírito verdadeiro de fraternidade proletária.

Rio-de-Janeiro, Sala das Sessões do Primeiro Congresso Nacional dos Metalúrgicos do Brasil.

Em 25 de janeiro de 1935.

CARLOS SANTOS

Delegado do Sindicato dos Operários Metalúrgicos da cidade do Rio-Grande — Rio-Grande-do-Sul.

DISCURSO de estréia pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado, na sessão do dia 26 de outubro de 1935.

O Sr. Carlos Santos — Sr. Presidente, Srs. Deputados, fôra eu dotado de um poder sobrenatural, dêle me valeria, neste momento, transformando êsses aplausos confortadores em flores belíssimas, de respeito e admiração, colocando-as, depois, muito respeitosamente, aos pés da ilustre Deputada Exma. Sra. Francisca Rodrigues, como uma homenagem sincera do trabalhador rio-grandense, à mulher brasileira, tão dignamente aquí representada. (Palmas prolongadas).

Srs. Deputados, pela primeira vez no seio desta ilustre Assembléia ouve-se, numa oração muito breve, a palavra rude e desataviada de um pobre trabalhador.

O Sr. Alberto de Brito — Brilhantíssima.

O Sr. Carlos Santos — Pela primeira vez, nos anais desta Casa, há de se registrar esta palavra que, se não traz no seu bojo o colorido impressionante da retórica, nem o brilho sugestivo da inteligência e da cultura, tem, no entanto, dignificando-a, a pureza da intenção, traço característico do trabalhador brasileiro. (Muito bem).

Pela primeira vez, no tablado do parlamento gaúcho, desdobra-se uma palavra, dissonante, bem sei, (não apoiados), mas que há de ecoar aquí dentro, como o próprio eco das aspirações, dos sofrimentos e do anseio dos trabalhadores; das aspirações, do sofrimento e dos anseios

dos construtores anônimos da grandeza do nosso povo, o valor da nossa terra. (Muito bem. Muito bem).

E saibam VV. EEx., Sr. Presidente e Srs. Deputados e saiba o Rio-Grande-do-Sul, que, com tôda a vibratibilidade da minha alma de moço e de proletário, que não descrê na vitória do ideal que o impulsiona, vibratibilidade essa comparável ao próprio retinir da bigorna, ante a qual eu me eduquei e aprendí o ABC da lealdade, saiba, repito, o Rio-Grande-do-Sul que nesta hora, para mim memorável, que as minhas primeiras palavras neste cenáculo formado pelas mais vigorosas expressões da mentalidade gaúcha, são palavras de concórdia, de crença e de esperança.

De concórdia, como se me fôra dado assim gizar nos vossos cérebros a idéia que anima o trabalhador rio-grandense, de colaboração, de ordem e de trabalho, qualidades essas, no entanto, incapazes de arrancar do seio dêsse trabalhador o espírito de justificada revolta ante a injustiça dos homens, as suas deslealdades, a sua quebra dos mais rudimentares princípios da fraternidade humana.

De crença na integridade e na elevação do espírito dos homens que formam, como representantes do liberal povo gaúcho, a Assembléia Legislativa do Rio-Grande-do-Sul, e de esperança de que a sua fé e o seu patriotismo tenham o poder de fazer com que êles amem a Deus, fazendo justiça a uma classe tão nobre quão mártir e que se afoga num oceano de injustiças reacionárias e deshumanas, com que êles amem a Pátria na defesa serena, na realização concreta das justas pretensões dêste pedestal da grandeza, do valor e das glórias desta Pátria — o trabalhador. (Muito bem).

Sr. Presidente, pelas circunstâncias ocasionais de um pleito, por um acentuado desprêzo ao bom senso, sou eu...

O Sr. Alberto de Brito — Os trabalhadores rio-grandenses estão de parabens por terem escolhido um representante tão digno.

O Sr. Coelho de Souza — Digno e brilhante.

— 39 —

O Sr. Paulo Rache — Que muito honra esta Casa, (Apoiados gerais).

O Sr. Favorino Mércio — V. Ex. é a sombra viva de Patrocínio.

O Sr. Carlos Santos — Muito agradeço a VV. EEx. essas generosas expressões — ... sou eu, Srs. Deputados, que, criança ainda, troquei os livros pelo malho e não tive a ventura, como é comum a filhos de operários, de passar por nenhum desses templos da arte, da ciência e do saber que, em honra à instrução, se erguem Brasil a fora; sou eu que, desta tribuna, devo falar-vos em nome dos trabalhadores do Rio-Grande-do-Sul para dizer-vos numa palavra que vivem nos campos, nas fábricas e nas oficinas dezenas de milhares de criaturas a espera, como os negros de 88, que a consolidação do novo 13 de maio lhes traga, como carta de alforria, um código de trabalho, na letra e na prática, o que equívale dizer, uma nova era de justiça e de amor.

O Sr. De Souza Júnior — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — Sou eu que devo falar, Srs. Deputados, para apelar para os vossos sentimentos de nobreza e de humanidade, precisamente no momento em que o Rio-Grande-do-Sul, orgulhoso comemora o centenário da sua glória máxima, glória essa que teve como cadinho onde ela se fundiu, no fogo das energias dos nossos avoengos, a sêde de justiça, de liberdade e de direito que caracterizou a guapa e farroupilha gente...

O Sr. Adroaldo da Costa — Muito bem.

O Sr. Carlos Santos — ...para vossos sentimentos de nobreza e de humanidade e ainda de amor à terra e aos homens heróicos dos pampas, no sentido de que se glorifique ainda mais os farrapos de 1835, na defesa intransigente e leal dos farrapos de 1935, figuradamente falando, farrapos da família, da sociedade e da Pátria brasileira, pela sua triste condição moral, social e econômica, farrapos de 1935, Sr. Presidente, que somos nós os trabalhadores. (Muito bem.)

— 40 —

O Sr. Coelho de Souza — Mas que hão de se erguer à condição que merecem.

O Sr. Carlos Santos — Assim o esperamos.

O trabalhador rio-grandense, incarnação viva e honrosa do trabalhador brasileiro, nesta hora apreensiva que estamos vivendo, hora por excelência de individualismo, de vaidades, de ambições e de preconceitos aí está traçando os seus próprios destinos num mixto paradoxal de descrença e de esperança. De descrença porque o reacionarismo impatriótico e injusto de muitos maus brasileiros transformou-se em escada recurvada pela qual veio descendo, veio fugindo da imaginação do trabalhador a idéia de que o Ministério da Revolução na arena das pretensões e das conquistas proletárias razoáveis e humanas houvera de transformá-lo no Tapir dos versos de Bilac “lutando peito a peito com as fulvas onças bravas, e vendo as onças tombarem a seus pés como escravas”. (Muito bem. Muito bem).

De esperança, Srs. Deputados, porque, por outro lado, vive ainda no nosso trabalhador, sobretudo e acima de tudo, o espírito de brasilidade (muito bem), a sombra de cujo espírito êle quer cooperar, mas em troca êle quer cooperação. (Muito bem). Êle quer trabalhar na formação, na solidificação de um Brasil livre de idéias outras que não aquelas que se inspiram na índole, no feitio, nas tradições, nos sentimentos e na altivez da nossa gente, mas quer que se lhe dê a satisfação em ser trabalhador brasileiro. Êle quer, enfim, um Brasil grande dentro de um Brasil ainda maior, de um Brasil brasileiro que aumente nêle o orgulho da nacionalidade. (Muito bem. Muito bem).

Longe de mim, Sr. Presidente e Srs. Deputados, a idéia pretensiosa e absurda de doutrinador, de fanal, traçando diretrizes à clarividência dos vossos espíritos e das vossas vigorosas culturas; e se eu ousar externar-me as-

sim é para que VV. EEx., o Rio-Grande-do-Sul e o Brasil sintam e compreendam o nosso desejo.

A representação de classe dos empregados na Assembléia Legislativa do Rio-Grande-do-Sul aí está, bem intencionada e disposta, VV. EEx. por certo não duvidarão, a agir com elevação, com sinceridade, com ardor e com trabalho, na interpretação clara dêsse desejo e, sobretudo, na defesa leal, embora pouco brilhante (não apoiados) das aspirações da grande família proletária, sem ressentimentos pessoais, sem partidarismo, alheia mesmo às competições políticas dos tradicionais partidos que formam esta Assembléia ilustre, e compreende-se, porque a nossa representação provém de uma massa heterogênea, politicamente, pendendo sempre para onde estiverem e chamarem os altos e irrevogáveis interêsses das classes que representamos.

E neste momento, que é como uma nova aurora de expectativa que surge para o proletariado gaúcho, eu, me sentindo mais proletário ainda e reunindo sôbre os meus ombros todos os infortúnios da vida e da situação dessas criaturas que são nada diante de tudo que representam, dessa massa humana cuja maioria aí está Rio-Grande-do-Sul a fora, sem energia e sem fé, neste momento, Srs. Deputados, eu faço da minha mocidade, da minha lealdade, da minha condição de trabalhador e da minha própria raça o fogo retemperador dessa vontade inabalável que anima a representação classista dos empregados de trabalharmos, de sermos compreendidos, de sermos correspondidos. (Muito bem).

E no início desta jornada gloriosa, que nós sabermos, mercê de Deus, atravessar indiferentes às lisonjas e superiores aos ataques gratuitos, que sem dúvida não nos faltarão, nesta hora memorável, eu lanço um apêlo sincero e partido do mais profundo dalma, a VV. EEx., que tão brilhantemente representam nesta Casa o Partido Republicano Liberal, a cuja frente, e tendo nas mãos as rédeas dos destinos do nosso povo, encontra-se essa fi-

gura extraordinária de homem, S. Ex. o Sr. General Flores da Cunha (apoiados da maioria), cujo nome pronuncio com o mais profundo respeito e admiração, pela certeza que me anima de que S. Ex. há de olhar com carinho, e para a grandeza do Rio-Grande-do-Sul há de formar conosco na defesa das nossas justas pretensões. (Apoiados da maioria).

A VV. EEx., que com igual brilhantismo representam nesta ilustre Assembléia os tradicionais partidos organizados hoje em frente-única, ainda pela certeza que me anima de que serão como uma coluna moral em defesa da nossa causa, desta causa cuja existência depõe contra a verdadeira expressão da democracia e da justiça.

E de uma forma especial, a VV. EEx. que tão dignamente representam nesta Casa a classe patronal do Rio-Grande-do-Sul, a VV. EEx. a quem eu considero o “fiat” para a solução satisfatória dêste problema.

Enfim, a esta Assembléia Legislativa, no sentido de uma ação eficiente, para que o Rio-Grande-do-Sul, fiador das promessas de 1930, feitas ao trabalhador brasileiro, dê ao resto do Brasil um exemplo dignificante do cumprimento dessas promessas, na guarida leal das nossas justas reivindicações, dessas reivindicações que a própria lei estabelece e ampara, porque, Sr. Presidente e Srs. Deputados, o trabalhador rio-grandense — e porque não dizê-lo? — o trabalhador brasileiro é mais descrente do que revoltado, mais desiludido do que extremista. (Muito bem).

Eu ousou mesmo afirmar desta tribuna o que já disse num congresso operário na Capital Federal: Não há extremismo no Brasil. O que há é uma legião de famintos de justiça, de sequiosos de direito e, mesmo, Srs. Deputados, admitindo a hipótese da existência dêsse extremismo, vós que vos reunistes numa Assembléia Constituinte para organizar o regime democrático de ordem, de liberdade e de justiça e que invocastes no preâmbulo desta Constituição a proteção do expoente máximo da justiça e da

bondade que é Deus, mesmo admitindo, Srs. Deputados, a existência dêsse extremismo, encontrar-se-ia, por certo, uma forma mais patriótica, mais humana e mais cristã de combatê-lo que não a fôrça, a violência e, principalmente, a patifaria de muitos maus brasileiros mais realistas do que o rei e que às vezes, e cìnicamente, escondem atrás de seu patriotismo capenga, sentimentos inconfessáveis de baixo personalismo. (Muito bem), formas essas de efeitos contraproducentes, pois transformar-se-iam, ao em vez de dique, ante o qual se estancasse as atividades extremistas, em alavanca propulsora da sua impetuosidade, da sua invencibilidade e essa forma reside na sentença: a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Essa forma seria procurar e remover o mal pela base, isto é extinguir o efeito afastando a causa, em uma palavra, combater o extremismo, cultuando a justiça. (Apoiados gerais).

E êste apêlo eu vos faço neste momento, solenemente, em nome dêsse homem que glorifica o trabalho, quer erguendo no mato o seu machado reluzente, na derrubada impetuosa e causticante do cedro frondoso, do pinheiral altivo, no negro e rijo jacarandá, quer rasgando a terra para nela lançar a sementeira pródiga e esperançosa, quer baixando ao âmago desta terra para arrancar de lá o ouro negro que move, impulsiona e leva os transatlânticos a cortarem as águas que geogrâficamente dividem os povos, procurando uní-los num amplexo sincero de fraternidade e de amor.

Em nome dêsse outro homem que honra o trabalho dentro da oficina, empenhando-se e matando-se com abnegação, para que o Brasil acompanhe “pari passu” a marcha vertiginosa dos povos adiantados, cooperando e assistindo, num mixto de admiração e apreensões “a vitória sôbre os obstáculos da técnica”, na expressão feliz de Tristão de Ataíde, “vendo a eletricidade humanizando a máquina e o vapor maquinizando o homem.”

Em nome dessa criatura que enobrece o trabalho e a quem Deus confiou a missão sublime de propagadora

da espécie humana, a mulher, que forçada por circunstâncias imperiosas, abandona o lar, onde muitas e muitas vezes fica o filho sem carinho e sem pão e vai, em holocausto ao próprio filho, se oferecer como vítima às revoltantes explorações dos atuais senhores do engenho, dos escravocratas de tôdas as épocas e que vivem eternamente subjugando debaixo do tacão das suas botas a tão infelizes criaturas e fingem ignorar os dispositivos taxativos de uma lei que visa amparar o trabalho dessa mulher.

Em nome, ainda, da criança proletária que ama e santifica o trabalho, dessa criatura que nasce sofrendo e que para a tragédia da luta do pão de cada dia é roubada aos afagos de uma mãe extremosa e atirada no lodaçal das misérias humanas, impregnado, às vezes, de miasmas de putrefação moral, onde o vício corre paralelo com o crime, a lascívia, o analfabetismo e o aniquilamento da classe, da raça e da espécie, para depois saírem daí para o campo, para a fábrica e para a oficina sem fé, sem vida e sem energias, desgraçados, para formarem o proletariado de amanhã, para formarem o Brasil do futuro.

Em nome dêsse cortejo imenso de desesperados que por aí estão sem emprêgo, morrendo e matando à míngua aqueles que dêles dependem econômicamente, pagando, assim, o grande crime da ambição e do egoísmo humano. Em nome dessa velhice desamparada de quem herdamos essa altivez do espírito, êsse temperamento de caráter e que depois de uma existência de lutas, de trabalho e de sacrifícios, é atirada como objeto imprestável, a viver da caridade pública. Em nome, enfim, da massa trabalhista, que é bem a expressão da massa nacional.

E, falando-vos, Sr. Presidente, Srs. Deputados, em nome dessa massa vigorosa e nobre, sejam as minhas primeiras palavras no seio desta Egrégia Assembléia, palavras de concórdia, de crença e de esperança. (Muito bem, Muito bem. Palmas prolongadas no recinto, tribunas e galerias. O orador é vivamente cumprimentado e abraçado por todos os Srs. Deputados presentes).